

# CULTURA RIBEIRINHA MARAJOARA: RESISTÊNCIA PARA EXISTÊNCIA DOS TERRITÓRIOS DAS ÁGUAS NUM CONTEXTO DE AVANÇO DO CAPITAL

## RIPARIAN CULTURE MARAJOARA: RESISTANCE TO THE EXISTENCE OF WATER TERRITORIES IN A CONTEXT OF CAPITAL ADVANCE

**Luciano da Silva Leão Soares**

Discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Universitário Marajó - Breves.

**Mateus dos Santos Rodrigues**

Discente do curso de Letras (2019) da Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Universitário Marajó - Breves.

**Eunápio Dultra do Carmo**

Professor da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA)- Campus Universitário Marajó Breves.

### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a resistência da cultura ribeirinha aos efeitos do avanço do capital na Amazônia Marajoara. Para tanto, ocupa-se do caso da Vila Intel I, no município de Breves-PA, Ilha de Marajó, localidade cuja formação histórica apresenta uma interação direta entre os elementos da vida tradicional dos povos ribeirinhos da Amazônia e do capital industrial. A exploração em larga escala de recursos naturais em regiões onde vivem povoados tradicionais altera fortemente estas localidades e geralmente acentuam desigualdades socioeconômicas e diluem parte de sua produção cultural. Entretanto, nesse contexto de conflitos culturais ideológicos, políticos, econômicos e territoriais, conclui-se que os povos ribeirinhos da Amazônia ainda preservam e transmitem, pelo menos em parte, sua produção cultural própria.

Palavras-chave: Comunidades ribeirinhas. Cultura de resistência. Amazônia Marajoara. Mobilidade do capital. Identidade social.

### ABSTRACT

*The objective of this research is to analyze the resistance of riverside cultures to the effects of the capital advance in Marajo Island. To this end, this work deals with the case of Vila Intel I, Breves-PA, in Marajó Island, a place whose historical formation presents a direct interaction between the elements of the traditional life of the riverside peoples of the Amazon and industrial capital. Large-scale exploitation of natural resources in regions where traditional settlements live strongly alter these localities and often accentuate socioeconomic inequalities and dilute part of their cultural production. However, in this context of ideological, political, economic and territorial cultural conflicts, it is concluded that the riparian peoples of the Amazon still preserve and transmit, at least in part, their own cultural production.*

Keywords: Riverside communities. Resistance Culture. Amazon Marajoara. Capital mobility. Social identity.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como função mostrar a realidade vivida pelo povo ribeirinho da Vila Intel 1 localizados distante do município de Breves-Pa a margem do rio Parauaú (Figura 1) e como os mesmos sobrevivem com a invasão do capitalismo e as transformações da globalização de forma negativa.

Figura 1: Localização.



Fonte: Google Maps.

Habitantes das margens dos rios amazônicos, os povos ribeirinhos têm um modo de vida particular, forjado por suas estreitas relações com a natureza. É em contato com o ecossistema amazônico que esses povos constroem sua compreensão do mundo, desde a infância, brincando em rios e florestas, até a idade adulta, tirando seu sustento daquela terra que conheceram por toda a vida. Com a natureza, os povos ribeirinhos têm um relacionamento harmonioso. A relação entre os ribeirinhos e a natureza é equilibrada, entretanto não podemos dizer o mesmo da relação entre esses dois e o capitalismo industrial.

Com a entrada de grandes empreendimentos econômicos na região Marajoara, os espaços rurais onde essas iniciativas diretamente atuam são modificados de forma notória. Atividades como extração mineral e vegetal, monocultura, grandes projetos hidrelétricos, entre outros, atraídos para a Amazônia a partir do governo militar brasileiro, muda-

ram a paisagem dessa região, tocaram a harmonia de seu complexo ecossistema e, além disso, influenciaram o cotidiano de suas populações tradicionais, habitantes dessas terras há décadas ou mesmo séculos.

Diversos povos ribeirinhos são explorados pela falta de conhecimento político e de direitos, bem como de representantes, a exploração acelerada dos recursos naturais na Amazônia trouxe problemas ambientais e a perda da identidade dos povos ribeirinhos. De fato, o capitalismo industrial vem modificando a sociedade amazônica de maneira a alterar vilas, culturas e toda uma dinâmica estabilizada. O ciclo da madeira foi a principal atividade da cidade de Breves, segundo relatos empresas madeireiras foram instaladas na zona urbana e rural de Breves, muitas pessoas foram deslocadas de seus locais de origem em busca de trabalho em caso como do nosso objeto de pesquisa foram criadas escolas e barracos para os funcionários viverem e se dedicarem ao trabalho, a mesma para sua produção contratou diversos trabalhadores incluindo ribeirinhos, com o término da exploração da madeira na comunidade, muitos dos ribeirinhos que trabalhavam na empresa sofreram influências da entrada do capital, diversos ribeirinhos da comunidade Intel ficaram dependentes da madeireira, portanto deixaram seus costumes esquecidos.

As metodologias utilizadas na coleta dos dados para o desenvolvimento da pesquisa de campo acenam para a legitimação das violações, opressões cotidianas e racismo ambiental, com ausência de serviços públicos e, ao mesmo tempo, a organização social das comunidades ribeirinhas que preservam a identidade cultural ligada aos direitos sociais dos povos originários do país

## 2 VILA INTEL E A RESISTÊNCIA DO POVO TRADICIONAL

Vivemos em um mundo tomado pelo capitalismo, assim como individualista, o desejo pelo poder, de ter sempre mais, faz

com que as pessoas procurem por “poder econômico”, a quererem aumentar suas propriedades particulares (empresas), ao mesmo tempo que desejam o crescimento visionário que nada mais é do que a capacidade de influenciar e estimular pessoas em prol de um objetivo comum: o aumento de performances e alcance. Não tendo atenção ao preço que pode custar, não se referindo a valor monetário e sim a vidas, seja ela fauna ou flora. Um fato ocorrente em nosso século XXI é as queimadas na Amazônia mostrada pela mídia, revela o quão desordenada e explorada essas riquezas estão sendo, extraindo recursos naturais únicos e assim prejudicando toda uma estrutura e povos ribeirinhos que dependem da mesma para sua subsistência. Para melhor compreensão da Vila Intel devemos entender alguns fatores sendo eles:

- 1 O Marajó foi alvo de extrema extração de madeira de todas as áreas (Urbanas e rural), diversas foram as empresas que realizaram a entrada do capitalismo e como tal a introdução à globalização de forma negativa.
- 2 A vila Intel possui seu nome a partir da empresa instalada nela, cuja ao qual possuía o mesmo nome.
- 3 A falta de políticas públicas, bem como o acompanhamento por profissionais qualificados, desencadeia graves problemas com essa comunidade, dando a eles o sentimento de abandono

Nosso objeto de pesquisa se localiza na comunidade Vila Intel, próximo a cidade de Breves-PA. Originalmente a Intel foi uma madeireira instalada na parte rural e urbana da cidade de breves assim como várias outras empresas, contudo houveram ribeirinhos como contratados para compor o corpo de trabalhadores da madeireira, com isso muitas pessoas foram contratadas entre elas os ribeirinhos, com as alterações em seu novo ambiente deixaram de lado costumes e tradições, pois muitas famílias foram atraídas com a

proposta de emprego e com isso para o melhor desenvolvimento dos funcionários da madeireira surgiu então barracos (Figura 2).

Figura 2: Figura 2 – Vila Intel (Casas).



Fonte: Imagem Capturada por Luciano da Silva.

Construídos juntamente com a empresa, e uma escola para que os filhos dos funcionários não precisassem sair do lugar onde estavam e futuramente poderiam trabalhar na empresa também foi desenvolvida e providenciada, depois do fechamento da empresa muitos ribeirinhos ficaram desorientados, pois já haviam se acostumados com aquele cotidiano da empresa.

No mundo extremamente materialista e individualista em que vivemos, a ânsia pelo poder e a necessidade de ter sempre mais, leva as pessoas a procurarem incansavelmente por “algo mais”, a quererem aumentar suas propriedades, não se preocupando com a forma como vão conseguir isso, se com exploração desordenada, ou não, dos recursos naturais. (ALMEIDA, 2011, p. 09)

O homem deve ter uma visão diferente em relação a natureza. Pois todas as ações relacionadas a ela trarão várias consequências, a exploração de recursos naturais, o desmatamento para pecuária e agricultura, os grandes latifundiários que exploram a natureza sem qualquer preocupação com a mesma acabam por transformar toda uma dinâmica já instituída em alguma área. Na Vila Intel através dessas transformações por meio da globalização foram evoluindo a vila, entretanto a falta de ações públicas, se tornaram um povo excluído com o sentimento se-

gundo Luiz (Nome Fictício) senhor de 72 anos que afirmou: “A gente não sente que faz parte de Breves, [...] o governo esquece que temos necessidades e por não conhecermos o nosso direito não lutamos por ele”, outros moradores confirmaram com o afirmação, segundo os mesmo, o sentimento de abandono vem pela falta de participação de órgãos, bem como a falta de realizações de acompanhamento com a comunidade que em pleno séc. XXI se encontra em estado crítico não somente pela falta de estrutura para realizarem seu trabalho no campo desenvolvendo suas roças ou mesmo realizando as pescas.

Essa é uma das grandes diferenças entre essas duas perspectivas, pois o homem pensa apenas no capital para aumento econômico e o ribeirinho que protege e respeita a natureza vê nela algo mais do que uma forma de subsistência é uma ótica muito particular que só alguém que convive e respeita a natureza consegue compreender.

### 3 RELAÇÃO ENTRE A FLORESTA E OS POVOS RIBEIRINHOS

A identidade cultural ribeirinha está profundamente ligada às experiências adquiridas em seu contato diário com a floresta e os rios amazônicos em nossa pesquisa conseguimos observar a pesca em pontes, assim como a construção de armadilhas para pegar camarão, ao realizar entrevistas na escola (sem estrutura básica para funcionamento) da comunidade ouvimos várias histórias das crianças sobre como os pais ou seus avós ensinavam a pescar, subir em árvores de açaí para colher o fruto, assim como o amor por subir em árvores e mergulhar no rio, uma característica muito comum entre eles era que todos de forma geral estavam construindo sua identidade a partir das ligações de seus antepassados, culturas que eram de seus pais foram passadas e ensinadas a eles tanto como histórias, lição de vida e por meio de lendas os antepassados conseguiam explicar fenômenos e ensinar a importância de respeitar a natureza, segundo Maria (nome Fictício):

*Minha avó me ensinou que devemos respeitar o rio e não jogar lixo nele, por que se não ele vai adoecer e sofrer [...]*

Através desse conto podemos entender um relação além de troca de elementos, mas também de cuidado, respeito, entre outras características que os tornam tão peculiares. Normalmente levam uma vida mais calma, em relação ao ritmo do cotidiano urbano, suas relações sociais dentro do local em que vivem, entretanto muitos já possuem acesso a comunicação a longa distância por meio da tecnologia conquistada ao longo de gerações.

Por estarem em constante contato com a natureza, onde quer que se desloquem, de onde tiram sua comida através de plantio ou criação de animais para consumo, experimentam momentos de lazer (POJO; ELIAS; VILHENA, 2014), o povo ribeirinho cria um sentimento de pertencer a ela. Por tudo isso, concordamos com Silva (2017) em sua afirmação que:

*[...] para obter a compreensão da identidade das comunidades ribeirinhas na região Amazônica é preciso ter a noção de suas culturas, sua maneira de vida, suas territorialidades, seus conhecimentos e práticas vivenciadas dia-a-dia. É a partir do empírico e do concebido que se constituem a consciência de pertença sócioespacial e as identidades territoriais. (SILVA, 2017, p. 10).*

Scherer (2004 *apud* SIVA, 2017) divide a Amazônica em dois ecossistemas: um de terras firmes, cuja vegetação, por estar sobre relevos mais elevados e distantes dos rios, não é passível às inundações nos períodos de chuva; e as terras de várzea, que, por sua vez, são mais baixas e próximas aos rios, portanto propensas a inundações. E justamente nas áreas de várzea que geralmente vivem os povos ribeirinhos.

As águas amazônicas baseiam as principais representações e características dos povos ribeirinho. Para essas pessoas, os rios significam muito mais do que cursos de água para navegar e pescar; essa relação entre homem e água é mais complexa, pois é onde o rio encontra e estabelece suas relações culturais e sócio históricas. Assim, o povo ribeiri-

nho vê nos rios grande parte de sua identidade, de seu conhecimento do mundo real e do mundo imaginário. É também nas margens dos rios que os ribeirinhos têm contato com a lógica da mercadologia. Vendem seus produtos, oriundos de agricultura familiar, extrativismo, pesca, etc., em “trapichos” (pontes de madeiras a beira do rio), trocando-os por outras mercadorias ou mesmo dinheiro em espécie (POJO; ELIAS, VILHENA, 2014).

A comunidade da beira dos rios tem uma perspectiva mais peculiar sobre a natureza, eles entendem que a natureza é algo que deve ser respeitada e preservada, porque é nela que os ribeirinhos encontram e fazem presente toda sua existência, pois essa reciprocidade se faz muito importante pra sua subsistência já que os recursos para suas famílias são retirados da natureza.

A prática da agricultura é uma das atividades muito realizadas dentro das comunidades, por entender que essas atividades trazem muitos benefícios tanto econômicos quanto para o próprio consumo. Em muitas lavouras o que é mais plantado é a mandioca, de acordo com Silva (2017) a mandioca tem grande recorrência na vida do ribeirinho por sua fácil adaptação a solos com pouco nutrientes para seu desenvolvimento, além disso a extração do açaí, fruta muito conhecida e consumida, também é uma das fontes de recurso dos ribeirinhos, sejam ele monetários ou para sua alimentação.

A pesca na vida do ribeirinho é uma atividade extremamente comum, essa prática e decorrente de sua interação com a natureza e seus saberes das águas, pois seus conhecimentos em relação aos rios são extensos e peculiares. Muitas vezes essa prática é herdada pelos seus sucessores para garantir o sustento da família ou até mesmo para entender como funciona a dinâmica dos rios. Muitos instrumentos são utilizados, de acordo com Silva (2017) para realização da pesca são utilizados rede, o matapi (armadilha cilíndrica, confeccionada com tala de jupati), anzol. O ribeirinho utiliza para seu transporte de pequenas

distâncias uma pequena canoa chamada de casco, uma embarcação feita de maneira artesanal podendo ter suas variações estruturais.

Os meios de transporte utilizado pelo ribeirinho recebe o nome de casco ou montaria, uma canoa primitiva feita de um tronco escavado por processos manuais rudimentares, sem toldo e sem vela utilizando apenas o remo para navegar, porém este foi adaptado pelos ribeirinhos usando motor a gasolina em que eles o chamam de 'rabetá ou biqueta' (SILVA, 2017, p. 05)

Em sua relação com as águas o ribeirinho é, ao mesmo tempo, agente social, econômico e cultural, historicizando seus valores enquanto indivíduo e integrante de um grupo (POJO; ELIAS, VILHENA, 2014), os habitantes da natureza concebem sua existência de uma maneira muito única, seu conhecimento sobre a natureza é muito vasto, suas experiências o transformam em capaz de compreender toda a importância dos rios, seja ela fauna ou flora, e tudo isso ficara de herança para seus filhos.

As comunidades da beira dos rios tem uma perspectiva sobre a natureza e tudo a que ela está atrelada muito peculiar, eles entendem que a natureza é algo que deve ser respeitada e preservada, porque é nela que os ribeirinhos encontram e fazem presente toda sua existência, pois essa reciprocidade se faz muito importante pra sua subsistência já que os recursos para suas famílias são retirados da natureza.

Muitas comunidades estão localizadas próximas a cidades, sendo assim muitos ribeirinhos completam sua alimentação com alimentos industrializados, contudo segundo Silva (2017) não é necessário comprar em outras localidades, pois algumas vilas já estão inserindo comércios em suas vilas, todavia a diferença nos preços é consideravelmente maior.

A vivência do ribeirinho está cada vez mais estigmatizada e cheia de preconceitos por diversas pessoas e políticas. A sociedade tem um concepção do ribeirinho muito consolidada por se tratar de um povo com características próprias, frequentemente são excluídos da sociedade por se tratar de um

povo teoricamente atrasado em comparação com o desenvolvimento urbano, e isso implica em políticas de desenvolvimento capitalista para gerar lucro numa área que até pouco tempo não tinha utilidade lucrativa, de acordo com Silva (2017) o povo ribeirinho esta invisível diante do preconceito que sofre de trabalhador rural que vive da terra, povo sem desenvolvimento e importância para sociedade, ainda segundo a autora muitas comunidades vivem em difícil situação e ainda as políticas públicas não estão sendo cumpridas por parte dos governantes.

Tornasse um grande problema o fato de água potável para o consumo da própria comunidade que está rodeado por água do rio Parauaú, é fato que em nossa realidade não deveria existir tais déficits por meio de nossos representantes políticos, pois segundo a Lei nº 9.433/1997 aprovada em janeiro de 1997, conhecida como Lei das Águas que segundo o artigo: “Assegura a disponibilidade de água de qualidade às gerações presentes e futuras [...]”, outros fatores também se destaca a péssima qualidade de saneamento, sistema sanitários seguros para a comunidade. É algo que se torna irônico e contraditório por se tratar de um povo rodeado pelas águas, ser privado de água potável, essa escassez de água pode ser definida como falta de políticas públicas e visibilidade por parte dos governantes, sendo que a política nacional de saneamento, instituída pela lei federal nº 11.445, de 2007, define saneamento básico como o conjunto de serviços, infraestruturas e instalações de abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos e drenagem de águas pluviais urbanas.

O ribeirinho enfrenta inúmeros problemas de saúde, alguns não sabem nem ler nem escrever. A má condição sanitária e a má alimentação têm refletido na alta prevalência de adultos e crianças. Em particular na nas áreas ribeirinhas o acesso à assistência médica é raro. Sabe-se que existem poucos agentes comunitários de saúde.” (SILVA, 2017, p. 06)

A ligação dos ribeirinhos com a natureza é tão intensa que apesar das intempéries da natureza que podem influenciar sobre seu cotidiano, eles continuam sua dinâmica de plantar, pescar, nadar, sempre em constante contato com seus saberes sobre as águas. A harmonia que esse povo esse vive com a floresta e tudo que a rodeia é algo majestoso, o ribeirinho se faz agente condicionador dessa vivência, pois ele preserva e entende que tudo aquilo e sua identidade e cultura e que apesar de toda as dificuldades que ocorrem eles sempre permanecem ali por existir esse sentimento de pertencer a esse espaço, e que sem essa junção de espírito e natureza talvez sua identidade ficasse tácita.

É preciso notar que a natureza é um componente a se considerar no que diz respeito à diversidade da Amazônia, principalmente quando se trata da compreensão das dos modos de vida e das identidades das populações ribeirinhas. Existe um elo entre estas populações e os ecossistemas. É nesta relação com a natureza que as populações tradicionais constroem todo seu modo de vida a partir de um conhecimento empírico, que é transferido de pai para filho.” (SILVA, 2017, p. 02)

O misticismo está muito presente nas comunidades ribeirinhas, e até mesmo nas cidades que estão ligadas a essas comunidades, muita das lendas tem seu caráter envolvido com a natureza, e acabam sendo transmitidas para nova geração de ribeirinhos, percebemos a forte ligação do ribeirinho com a natureza e a importância da mesma na sua identidade. De acordo com SILVA (2017) para entender as comunidades ribeirinha é preciso ter noção de sua cultura, costume, tradições e tudo que é inerente a eles, para assim compreender o significado de ser ribeirinho.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A invasão bruta e ilegal da globalização capitalista na Amazônia acarretou na desconstituição da identidade dos povos ribeirinhos e habitantes da região, interferindo de

forma negativa em sua dinâmica com a natureza e tudo que nela compõe, apesar de todos os processos exploratórios, parte de sua identidade se manteve intacta, sendo uma delas sua relação com o meio em que habitam e suas culturas, como podemos perceber na Vila Intel, ao qual a mesma mante-se na luta para a sobrevivência, após o termino da madeireira.

Contudo, é necessário lembrar que sem uma estrutura adequada para sua existência o povo ribeirinho entra em risco de perda parcial ou total de sua identidade, assim como em problemas graves de sobrevivência, sendo primordial ressaltar a falta de projetos para a saúde e desenvolvimento das comunidades ribeirinhas. Para esses povos que vivem nas águas, estão cada vez mais a margem da sociedade, as políticas públicas ao qual são direito regidos por lei não alcançam tais comunidades, tornando-as mais carentes e ao mesmo tempo obrigando-as a tomarem medidas desesperadas na luta pela sobrevivência. O século XXI deve ser tratado como época de revolução e direitos humanos, entretanto ainda vivemos em meio a desigualdade, falta de gestão política e olhares mais abrangentes, todavia a Comunidade Vila Intel com seus poucos componentes se manteve resistentes em meio à crise que enfrentam através de trabalhos coletivos. Caso não haja interferência dos poderes públicos tais povos perderam sua identidade, assim como muitos serão obrigados a saírem de suas residências para viver no meio urbano na procura de uma nova vida o que poderá resultar muitas vezes em desequilíbrio emocional e mental, trazendo problemas a saúde dos mesmos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério do meio Ambiente. Água. [online]. Disponível em <<http://www.mma.gov.br>>.
- CURI, Melissa, V. Aspectos legais da mineração em terras indígenas. **Revista de estudos e pesquisas**, Brasília, v.4, n.2, p.221-252, dez. 2007.
- GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Por que os indígenas são a chave para proteger a biodiversidade planetária A ONU destaca que nas terras habitadas pelos povos originários o desaparecimento de espécies é mais lenta que no resto do mundo. **El País**, São Paulo, 08 maio 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/07/politica/1557255028\\_978632.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_CC](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/07/politica/1557255028_978632.html?id_externo_rsoc=FB_CC)>.
- MONTEIRO, Sebastião. SILVA, Antonia. O mito na formação da identidade. **Revista Dialógica**, [online], v.1, n.1, 2006.
- PACHECO, Agenor Sarraf. **En el corazón de la Amazonía: identidades, saberes e religiosidades no Regime das Águas Marajoaras**. 2009. Tese (Doutorado em História Social) - PUC-SP, São Paulo, 2009.
- PAHL, Denise. **Remando por campos e florestas: memórias & paisagens dos Marajós: livro do ensino fundamental 5ª a 8ª**. Rio Branco: Gknoro nha, 2011.
- POJO, Eliana; ELIAS; Lina Gláucia Dantas; VILHENA, Maria de Nazaré. As águas e os ribeirinhos: beirando sua cultura e margeando seus saberes. **Revista Margens Interdisciplinar**, [online], v. 8, n. 11, p. 176-198, ago. 2014.
- RODRIGUES, Iêda. Modo de vida ribeirinho: construção da identidade amazônica. In: JORNADA INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, 8., 2017, São Luís. **Anais...** São Luis, Universidade Federal do Maranhão, 2017. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo12/mododevidaribeirinhoconstrucaodaidentidadeamazonica.pdf>>.
- SAMPAIO, Joyce. Políticas de desenvolvimento na Amazônia: um olhar para as famílias ribeirinhas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 16., 2018. Vitória. **Anais...** [online]: ABPESS, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/index.php/abepss/article/view/22138>>.
- SOUZA, James O. Mão-de-obra indígena na Amazônia colonial. Mão-de-obra indígena na Amazônia Colonial. **Em Tempo de Histórias**, [online], n. 06, fev. 2011.
- Vila (Intel) localização disponível no Site : <https://www.google.com/maps/place/Intel,+Breves+-+PA,+68800-000/@-1.6386567,-50.5581696,6388m/data=!3m1!1e3!4m13!1m7!3m6!1s0x929848ebcf46e96d:0x7409e3f54c8c989c!2sIntel,+Breves+-+PA,+68800-000!3b1!8m2!3d-1.6132095!4d-50.5385229!3m4!1s0x929848ebcf46e96d:0x7409e3f54c8c989c!8m2!3d-1.6132095!4d-50.5385229>